

Resenha

Hermano Machado Ferreira Lima*

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque* – reforma urbana e controle social (1860 – 1930) Edições Demócrito Rocha, 4ª edição – 2010.

Inicialmente elaborado como dissertação apresentada e defendida junto ao Mestrado em História da Pontifca Universidade Católica de São Paulo, esse livro, agora lançado em edição de luxo pela Fundação Demócrito Rocha, reaparece em oportuno momento.

Aqueles que vivemos ou visitamos Fortaleza sentimos e algumas vezes percebemos o quanto de problemas e dificuldades passa a cidade. Discute-se a morosidade do trânsito, a criminalidade urbana, os aglomerados residenciais dispersos pela periferia. Culpam-se o poder público, a ausência de autoridade, falta de policiamento, pouca presença da Prefeitura ou lentidão em equacionar determinados problemas, etc. Apontam-se soluções, muitas delas mais próximas dos devaneios imaginativos.

Talvez pudéssemos dizer que esse cenário emerge devido a fatores inerentes ao exercício da discussão propiciada por impulsos democráticos. No entanto, o nível maior ou menor de profundidade com que essa realidade será compreendida, dependerá, em boa medida, de como se vier a encontrar as verdadeiras causas desses problemas. Para tanto, faz-se necessário debruçar-se sobre o passado da urbe reconstruir suas raízes, sua genealogia, como nos ensina Michel Foucault.

Por essas razões e em função desse contexto que reputamos oportuna a reedição do livro de Sebastião Rogério sob o sugestivo título *Fortaleza Belle Époque*. Dividido em Partes, cada uma delas tratando de um aspecto

Artigo
Recebido: 06/05/2011
Aprovado: 12/05/2011

do desenvolvimento do capital alencarina, sempre fixando-se ao resgate histórico, o mais remotamente possível. Tendo com parâmetro temporal o período entre os anos de 1860 a 1930, os mesmos são percorridos não como engessamento dos tempos abordados, muito ao contrário, balisaram o nível investigativo ora retrocedendo, ora adiantando-se mas sempre de forma parcimoniosa e necessariamente esclarecedor.

O que de início cativa e chama atenção do leitor é a abrangência com que o período é estudado, levando em consideração a política, a vida social, a moda, as “figuras” populares, o linguajar e, por que não mencionar, certos traços de suposta teorização cientificista.

Segundo o autor, o marco distintivo da época em estudo assenta-se em dois pressupostos: de um lado, a higienização (entendida como combate a doenças, limpeza urbana, saneamento básico); de outro, o aformosamento da cidade (construção de equipamentos tais como os teatros Majestic e José de Alencar, pavimentação de ruas, ajardimento de praças). Num sentido e noutro, promove-se o deslocamento dos hospitais e do cemitério para a parte desabitada a oeste, de tal maneira que eles não viessem a contaminar os ares, com seus fluídos infectados por germes morbígenos, reafirmando a preocupação higienizadora e embelezadora da cidade.

Valendo-se das idéias de Foucault quanto à constituição da medicina social, o professor Sebastião Ponte consegue estabelecer um saudável e instigante relacionamento entre teoria e empiria, fazendo ver o quanto as preocupações médico-higiênicas perpação o entrelaçamento entre a biopolítica e o biopoder. Não será demais recordar que à época de sua investigação o autor dispunha de muitos poucos textos em que Foucault apresenta sua teoria acerca dessa relação entre política e regulação das populações. Atualmente, com as publicações dos “Cursos” ministrados no Colège de France dispõe-se de muito mais material e conseqüentemente de uma melhor compreensão dos conceitos foucaultianos. No entanto, o espírito arguto e metuculoso do nosso autor permitiu-lhe abordar e, sobretudo fazer uso de forma muito apropriada da teoria de Michel Foucault.

Não poderíamos deixar de mencionar o cuidado gráfico com que a Fundação Demócrito Rocha esmerou-se em apresentar essa nova edição, ressaltando o planejamento e execução gráfica. Chama atenção as ilustrações que, apesar de já presentes em edições anteriores ganharam nova roupagem e suas inserções encaixaram-se melhor ao texto.

Como diz, na apresentação, o professor José Borzacchiello: “Fortaleza Belle Époque é um sucesso”.

O que é reafirmado por Eduardo Diatahy enquanto prefaciador: “este é um livro de boa história social”.